

Nº 09
ANO 01
Fevereiro
2000



Galante

Scriptorin Candinha Bezerra
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO



Cantoria de Viola

Clotilde Tavares



Onésimo Maia

A cantoria de viola, manifestação típica da cultura popular nordestina, é um espetáculo onde dois poetas se enfrentam, num jogo de improvisação. Esses improvisos não são feitos ao acaso, mas dentro de formas poéticas tradicionais, rigorosas quanto à rima, à métrica e ao conteúdo dos versos, sendo obrigatório o seu

domínio e conhecimento por parte dos poetas, que se fazem acompanhar pela viola. A qualidade de espetáculo para ser apreciado é uma condição inerente à cantoria e nela o público participa apenas fazendo pedidos de gêneros, assuntos e temas a serem cantados. Os gêneros mais utilizados são a sextilha, as décimas de sete sílabas, os

(Cont.)
Labim/UFRN



Zé Monte X Sebastião Dias



Antonio Morais X Manoel Morais



Antonio Dias X Domingos Matias



Sebastião Bento X Chico Elino



Zé Gomes X Miro Pereira



Gilson Pessoa X Chico Dias

"martelos", como são chamadas as décimas de dez sílabas (martelo agalopado, martelo miudinho, martelo alagoano), os vários tipos de quadrão (oito-a-quadrão, quadrão-de-meia-quadra, quadrão mineiro), o mourão (mourão voltado, mourão de 7 linhas) e o galope à beira-mar. As décimas de sete e de dez sílabas são ainda usadas para "glosar" os "motes", o que significa que o cantor constrói uma estrofe (a glosa) terminando obrigatoriamente pelo mote, que são duas linhas poéticas fornecidas por alguém da platéia. Ainda são cantados gêneros antigos e que tinham caído em desuso, como o martelo gabinete, a ligeira, e têm sido criados gêneros novos, geralmente cômicos, como o "rojão pernambucano" e o "sou pior do que tu".

Como acontece uma cantoria

A cantoria surge espontaneamente, quando se defrontam dois cantadores, ou é previamente arranjada por uma pessoa qualquer. Geralmente, segue um processo de desenvolvimento temático bem definido, onde os cantadores iniciam pela apresentação, ou seja, dizem quem são, onde nasceram, com quem já

cantaram. Em seguida, é feito um elogio às pessoas presentes, para agradar à assistência. Prossegue então, na sua parte mais interessante, com a mudança dos gêneros, perguntas e provocações, cada um procurando suplantar o adversário. A maior demonstração de talento e habilidade do cantor é o repente, ou seja, a capacidade de responder rapidamente às provocações do adversário. Durante a cantoria, surgem temas de histórias, geografia, ciência, história sagrada, mitologia; quando o cantor é versado nesses assuntos, se diz que ele "canta ciência".

De onde veio o cantor

Toda cultura tem seus "cantadores". O rapsodo grego, o bardo celta, o trovador provençal, o bluesman do delta do Mississipi, enfim, todo poeta que canta seus versos assumindo o papel de porta-voz de sua gente é, a rigor, um "cantador". E o poeta "torna-se um cantador não pelas músicas que canta, mas pelos versos que diz". Nesse sentido, os violeiros repentistas nordestinos, os nossos cantadores, estão aparentados com essa tradição do fazer poético. No universo da poesia popular nordestina, "cantador" significa especificamente o

improvisador, o repentista, aquele que não só cria seus próprios versos, como o faz de improviso, ao sabor do acaso, dos momentos. Cantadores são o Cego Aderaldo e Severino Ferreira, José Gonçalves e Cícero Bernardes, Pinto do Monteiro e Lourival Batista de São José do Egito, Ivanildo Vila Nova e Geraldo Amâncio, Moacir Laurentino e Chico Traira, Eliseu Ventania e Louro Branco. No início do século XIX começaram a aparecer no Nordeste esses primeiros bardos, percorrendo o sertão, de feira em feira, de fazenda em fazenda, acompanhando-se

primitivamente de uma rabeça ou de um pandeiro, e depois da viola, cantando sobre fatos acontecidos, histórias de amor e valentia e reproduzindo os velhos romances europeus. Era fatal que esses trovadores, percorrendo sozinhos o interior, um dia se

defrontassem com outros na mesma situação, surgindo então os primeiros desafios, com versos improvisados.

A cantoria do Rio Grande do Norte

O cantor mais famoso do Rio Grande do Norte foi Fabião das Queimadas (1848-1928), natural de Santa Cruz. Era escravo,

e comprou a sua alforria e a de sua família com o dinheiro ganho com as cantorias que fazia. Não tocava viola, acompanhava-se de

uma rabeça, o que era comum entre os cantadores do século passado e é de sua autoria o "Romance do Boi da Mão de Pau". Muitos versos seus ficaram na memória popular e ainda hoje são repetidos. Outro grande nome da cantoria potiguar foi Severino Ferreira, natural de Touros, nascido em 1951 e tragicamente falecido em um desastre automobilístico em 1997. Ferreira foi um poeta sensível e inspirado, com achados poéticos de rara criatividade e um repente ágil e certeiro. Também não

podem ser esquecidos nomes como Luís Sobrinho (que chegou a ser deputado estadual na década de 70), Hercílio Pinheiro, Alípio Tavares e José Alves Sobrinho, todos já falecidos. Naturais do Rio Grande do Norte, há vários nomes que honram a poesia popular, todos eles vates

inspirados: Sebastião Dias, os irmãos Antonio e Manoel Morais, Onésimo Maia, Luís Campos, Antonio Dias, Antonio Lisboa, Antonio Nunes de França, José Monte, José Cardoso, Francisco de Assis, Raimundo Lira, José Ribamar, Neuton Galdino, Raimundo Ferreira, Tico Teixeira, Francisco Oliveira, Francisco Luzimar, Raimundo Amâncio, Gilson Pessoa, Francisco Dias, Sebastião Bento, Chico Elino, Nestor Bandeira, Edísio Calixto, Raimundo Sobrinho, Miro Pereira, José Gomes, Domingos Matias, Chico Gomes, Zé

Pereira, Antônio Calixto, Israel Galvão, Carlos Alberto, Benedito Nascimento, José Lúcio Ribeiro, Luís Rodrigues, Agnaldo Pereira, Zé Luiz, Joveci Rodrigues, Suetônio da Silva, José Omar Ribeiro e Tertuliano Ribeiro. Encontramos também cantadores de outros estados radicados no Rio Grande do Norte. A Paraíba destaca-se com Sebastião da Silva, um dos maiores nomes da poesia popular nordestina, assim como Cícero Nascimento e Chico Mota, que mantêm um tradicional programa de rádio sobre cantoria, ambos morando em Caicó, e ainda Domingos Tomás, radicado em Touros.

há duzentos anos. O cantor tornou-se mais bem informado, mais consciente de seus direitos, de seu papel na sociedade como artista. Hoje, muitos deles são capazes de cantar sobre os últimos acontecimentos utilizando as mesmas formas tradicionais usadas por Inácio da Catingueira e Romano da Mãe d'Água, que viveram e cantaram há mais de cem anos. Isso não traduz, como muitos pensam, a morte da poesia popular. A cultura do povo, como coisa viva e palpitante que é, se modifica, sofre influências, sem que por isso a deixe de ser cultura popular, que é aquela criada pelo povo e com um destinatário certo: o próprio povo.

A cantoria de viola está em extinção?

A impressão que se tem é que, com o impacto das novas tecnologias, as manifestações da cultura popular não resistem e acabam por desaparecer. Isso não ocorre com a cantoria de viola. Com a disseminação dos meios de comunicação até o mais longínquo interior, a cantoria se modificou muito mas não deixou de ter aquelas características básicas que apresentava



Chicó Gomes

Antonio Lisboa

Scriptorin **Candinha Bezerra**
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO



Av. Antônio Basílio, 3025, s.501, Lagoa Nova,
 Natal-RN. Fone: (84) 211-8241 / fax: 211-8790.
 E-mail: mensagens@candinhabezerra.com
 Internet: www.candinhabezerra.com

Direção Artística e de Pesquisa
 Dácio Galvão

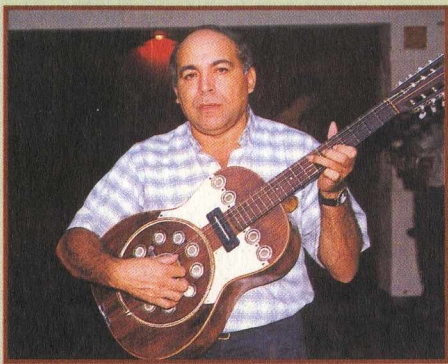
Fotografias
 Candinha Bezerra

Programação visual
 D & S Publicidade

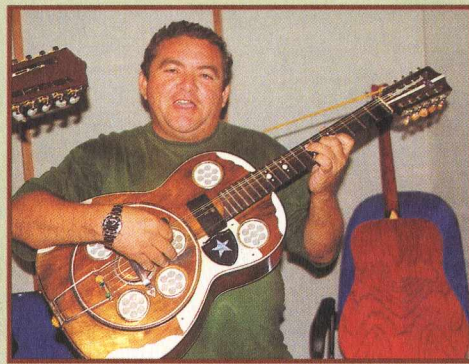
Colaborador
 Clotilde Tavares
 Escritora, atriz e professora do
 Departamento de Artes da UFRN.
 www.clotildenevs.com.br

Apoios
 Tribuna do Norte
 TV Cabugi

Você encontra a capa dura para
 colecionar o seu **Galante**, nas principais
 bancas da cidade, Scriptorin Candinha
 Bezerra e Fundação Hélio Galvão.



Zé Cardoso



Edísio Calixto



Francisco de Assis



Francisco Luzimar

Gêneros mais usados pelos cantadores

1) SEXTILHA

Quando eu voltar por aqui
Seu garoto tem crescido
Essa moça tem casado
Já tem largado o marido
Sua mulher tá com outro
E o senhor já tem morrido.
(Onésimo Maia)

2) QUADRÃO OU OITO-A-QUADRÃO

São oito versos de sete sílabas, com o seguinte esquema de rimas: AAABBCCB. O último verso diz-se obrigatoriamente "nos oito pés de quadrão" ou "lá se vão oito a quadrão".

"O cantador de talento
Tem verso no pensamento
Pra cantar o firmamento
A estrela e seu clarão
Não lhe falta inspiração
Cantando as águas do mar
O movimento do ar
Nos oito pés de quadrão".
(Severino Ferreira)

VARIANTES:

Dez pés a quadrão
Quadrão perguntado
Quadrão da beira-mar
Quadrão mineiro
Quadrão alagoano
Meia quadra.

3) DÉCIMA DE SETE

Mulher o nosso passado
Foi bom quando começou
Depois você me trocou
Por tudo quanto era errado
Eu quando fui informado
Botei fogo no colchão
Mandei quebrar o fogão
Depois gritei na calçada
Mulher você foi culpada
Da nossa separação
(Luís Campos)

4) DÉCIMA DE DEZ

Mote:
O Tancredo morreu/

mas tá vivendo/
no espírito do povo
Brasileiro.
Glosa:
O maior estadista da
nação/
não fez pista nem ponte
nem asfalto/
Na subida da rampa do
planalto/
Quando ele chegou foi
num caixão/
Vinha atrás uma grande
multidão/
E ele em cima de um carro

de bombeiro
O Palácio não viu o seu
herdeiro/
E sua faixa findou não
recebendo
O Tancredo morreu mas tá
vivendo
No espírito do povo
brasileiro.

(Antonio Lisboa)

5) MARTELO AGALOPADO

As formosas paragens do
Açu

Vêm de mil seiscentos e
cinquenta,
Habitada por tribos
violentas,
Por indígena que andava
quase nu.
Se chamava a aldeia Taba-
Açu.
Janduí eram os índios do
arraial,
Se estendiam próximo ao
litoral,
De Açu a Mossoró, a
Upanema,
Empunhando feroz o
tagapema.
Jandui era o chefe
principal.

(Chico Traíra)

6) GALOPE À BEIRA-MAR

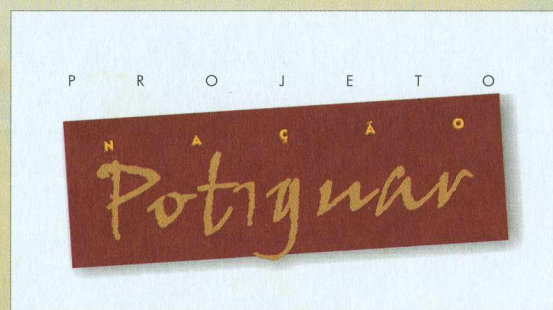
Se o meu Ceará tem sido
azarado
Pois Zé de Alencar foi
escravocrata
Castelo o pescoço não
coube gravata
Mas saiu de cena num
golpe de estado
Deu o Padre Cícero um
homem frustrado
E Cesinha do óleo,
ministro vulgar
Eu ouvi dizer que está pra
chegar
O papa vedete João
Paulo II
Pra beijar o chão e
levantar o fundo nos dez
de galope da beira do mar.
(Crispiniano Neto)



Violas nordestinas



Suetônio da Silva X Joveci Rodrigues



Severino Ferreira